



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

APERTAR O *PLAY* E MEDIAR: O AUDIOLIVRO NA EDUCAÇÃO LITERÁRIA

DAR *PLAY* Y MEDIAR: EL AUDIOLIBRO EN LA EDUCACIÓN LITERARIA

PRESS *PLAY* AND MEDIATE: THE AUDIOBOOK IN LITERARY EDUCATION

<https://doi.org/10.34024/olhares.2026.v14.21814>

Renan Luis Salermo
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
renan.luis.salermo@gmail.com

Diana Navas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
dnavas@pucsp.br

Resumo: Este artigo discute os processos de mediação literária do audiolivro literário a partir de uma perspectiva estética, sensível e inclusiva, considerando especialmente sua presença no contexto da educação literária. Tomando como ponto de partida os dez anos da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), o estudo problematiza a predominância de práticas de leitura centradas no texto escrito e visual e propõe a ampliação do conceito de experiência literária a partir da escuta. Ancorado em uma pesquisa qualitativa de natureza teórico-analítica, o trabalho examina as especificidades do audiolivro enquanto linguagem literária, com foco na voz em performance (Zumthor, 2018), na paisagem sonora e nos efeitos estéticos que esses elementos produzem na experiência de leitura. A partir da análise de audiolivros literários, especialmente voltados às infâncias, o artigo discute estratégias de mediação que reconhecem a escuta como prática legítima de fruição literária e como caminho para a construção de experiências inclusivas, sobretudo para estudantes com deficiência visual ou baixa visão. Conclui-se que o audiolivro, quando mediado a partir de seus recursos expressivos, amplia as possibilidades da educação literária ao integrar corpo, sensibilidade e linguagem sonora no encontro com a literatura.

Palavras-chave: Ensino de leitura. Recursos Audiovisuais. Literatura.

Resumen: Este artículo analiza los procesos de mediación literaria del audiolibro literario desde una perspectiva estética, sensible e inclusiva, considerando especialmente su presencia en el contexto de la educación literaria. Tomando como punto de partida los diez años de la Ley Brasileña de Inclusión de las Personas con Discapacidad (Ley n.º 13.146/2015), el estudio problematiza la predominancia de prácticas de lectura centradas en el texto escrito y visual y propone la ampliación del concepto de experiencia literaria a partir de la escucha. Basado en una investigación cualitativa de carácter teórico-analítico, el trabajo examina las especificidades del audiolibro como lenguaje literario, con énfasis en la voz en performance, el paisaje sonoro y los efectos estéticos que estos elementos producen en la experiencia de lectura. A partir del análisis de audiolibros literarios, especialmente dirigidos a la infancia, el artículo discute



estrategias de mediación que reconocen la escucha como una práctica legítima de fruición literaria y como un camino para la construcción de experiencias inclusivas, en particular para estudiantes con discapacidad visual o baja visión. Se concluye que el audiolibro, cuando es mediado a partir de sus recursos expresivos, amplía las posibilidades de la educación literaria al integrar el cuerpo, la sensibilidad y el lenguaje sonoro en el encuentro con la literatura.

Palabras clave: Enseñanza de la lectura. Recursos audiovisuales. Literatura.

Abstract: This article discusses the processes of literary mediation of the literary audiobook from an aesthetic, sensitive, and inclusive perspective, with particular attention to its presence within the context of literary education. Taking as a starting point the ten years of the Brazilian Law for the Inclusion of Persons with Disabilities (Law No. 13,146/2015), the study problematizes the predominance of reading practices centered on written and visual texts and proposes an expansion of the concept of literary experience through listening. Grounded in a qualitative theoretical-analytical approach, the study examines the specificities of the audiobook as a literary language, focusing on voice performance, soundscape, and the aesthetic effects these elements produce in the reading experience. Through the analysis of literary audiobooks, especially those aimed at children, the article discusses mediation strategies that recognize listening as a legitimate practice of literary enjoyment and as a pathway to building inclusive experiences, particularly for students with visual impairment or low vision. It concludes that, when mediated through its expressive resources, the audiobook expands the possibilities of literary education by integrating body, sensitivity, and sonic language in the encounter with literature.

Keywords: Reading instruction. Audiovisual resources. Literature.

Introdução

Em 2025, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, completou dez anos desde a sua promulgação. Sancionada em 6 de julho de 2015, essa legislação representou um avanço significativo no reconhecimento e na garantia dos direitos das pessoas com deficiência. De acordo com o artigo 1º da lei, o Estatuto estabelece diretrizes voltadas à promoção da igualdade de condições, da inclusão social e do pleno exercício da cidadania. Ao longo dessa década, o Estatuto consolidou-se como um marco legal que vem impulsionando transformações em diferentes esferas da vida social, atravessando políticas públicas, práticas institucionais e campos de investigação acadêmica.

Nesse intervalo de dez anos, as discussões sobre inclusão ampliaram-se de forma progressiva, tornando-se pauta nos debates educacionais, culturais e sociais. Ainda que com certa lentidão, as políticas públicas passaram a incorporar, com maior frequência, princípios relacionados ao acesso, à participação e à permanência das pessoas com deficiência em espaços historicamente marcados por práticas excludentes, como a escola. Paralelamente a esse movimento, observamos um crescimento expressivo de pesquisas que se dedicam a pensar a inclusão sob múltiplos enfoques, buscando compreender como as diferentes linguagens, tecnologias e práticas culturais podem contribuir para experiências mais equitativas.



No campo dos estudos literários, uma parte significativa das investigações tem se dedicado à análise da representatividade da pessoa com deficiência em obras da literatura, bem como ao potencial formativo dessas narrativas em contextos educativos, especialmente no espaço escolar. Exemplificam esse movimento os estudos de Noronha (2007), que, ainda antes da promulgação do Estatuto da Pessoa com Deficiência, já se debruçava sobre a representação da deficiência na literatura infantil, e de Menezes e Rabelo (2018), que analisam a presença da deficiência nos clássicos da literatura brasileira. Essas pesquisas têm demonstrado como a representatividade na literatura pode atuar como um dispositivo potente na construção de imaginários mais inclusivos, ao promover o reconhecimento da diferença, ampliar repertórios simbólicos e fortalecer experiências empáticas entre leitores. Contudo, tais abordagens têm privilegiado, majoritariamente, o livro impresso e a leitura visual, relegando a segundo plano outras materialidades e formatos de circulação da experiência literária.

Diante desse cenário, é necessário reconhecer a relevância e a contribuição desses estudos para as experiências de leitura, ao mesmo tempo em que se aponta a insuficiência de uma perspectiva restrita ao suporte tradicional do livro impresso ou do *ebook*. Nesse sentido, faz-se necessário ampliar o campo de análise para considerar outras formas de acesso à literatura, como os livros aplicativos, os livros em multiformatos ou os audiolivros, também pelo viés da inclusão e da garantia da acessibilidade. Ao incorporar esses formatos à reflexão, observa-se que o campo literário se mostra capaz de dialogar com os estudos da acessibilidade e inclusão, ampliando, assim, o próprio conceito de experiência literária.

Entre essas outras possibilidades de compreensão da experiência literária, o audiolivro mostra-se como uma forma singular de contato com a literatura, ao mobilizar a escuta, a voz, o corpo e a sensibilidade do ouvinte. Tradicionalmente direcionado a pessoas cegas ou com baixa visão, esse formato tem vivido, nos últimos anos, uma significativa expansão no Brasil, passando a ser ofertado em plataformas de *streaming* de música ou vídeo, vivendo o surgimento de grandes editoras especializadas em audiolivros e tendo a sua circulação em diferentes contextos que extrapolam espaços específicos de acessibilidade.

Ao considerar exclusivamente o audiolivro literário, emergem, então, algumas questões centrais: como é a experiência literária gerada a partir desse formato? De que maneira a mediação do audiolivro pode contribuir para práticas inclusivas que ultrapassem o acesso ao conteúdo da obra e alcancem a dimensão estética da literatura? Quais estratégias de mediação de leitura são necessárias para potencializar a experiência literária proporcionada pelo audiolivro?

É a partir dessas indagações que este artigo tem como objetivo discutir os processos de mediação literária do audiolivro literário, com especial atenção aos audiolivros destinados às infâncias. Partimos da compreensão de que a mediação não se restringe à disponibilização do recurso, mas envolve escolhas, orientações e práticas que qualificam a experiência, permitindo que os sujeitos se envolvam ativamente com a obra (Munita, 2024). Ao considerar o audiolivro como



uma experiência literária própria, propomos refletir sobre como seus recursos de linguagem podem ser explorados e potencializados em cenas de mediação de escuta.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, centrada nas reflexões teóricas e na análise de audiolivros literários, com o intuito de identificar os recursos expressivos que compõem esse formato, como a voz, a entonação, o ritmo e os elementos sonoros, e discutir suas implicações para a mediação literária. Com isso, buscamos contribuir para o debate acerca do papel da experiência literária na vida de estudantes com ou sem deficiência visual ou baixa visão, entendendo o audiolivro não apenas como um recurso de acessibilidade, mas como uma linguagem capaz de promover experiências estéticas, sensíveis e inclusivas no encontro entre literatura e escuta.

A experiência estética com o audiolivro literário

Antes de avançarmos para a discussão sobre as práticas de mediação do audiolivro literário, mostra-se fundamental refletir sobre as especificidades do audiolivro, já que toda mediação de leitura, independentemente do suporte, exige uma atenção cuidadosa aos recursos de linguagem que constituem o texto e sustentam a experiência literária proposta. Nesse sentido, a mediação não pode ser pensada como uma ação genérica ou neutra, aplicável indistintamente a qualquer obra, mas como um conjunto de intervenções que se orientam pelas próprias características do objeto literário em questão (Munita, 2024).

Assumir essa perspectiva implica ainda mais em reconhecer que assim como cada obra exige uma mediação de leitura, mediar diferentes formatos de circulação da literatura, como o livro impresso, o livro digital ou o audiolivro, também irá mobilizar modos específicos de fruição, percepção e construção de sentidos. Assim, antes de propor estratégias mediadoras, faz-se necessário compreender quais são os recursos expressivos e estéticos que estruturam o formato a ser trabalhado, bem como de que maneira esses recursos afetam a experiência do leitor. No caso do audiolivro literário, essa atenção torna-se ainda mais relevante, uma vez que a experiência leitora é mediada prioritariamente pela escuta, pela voz e pela composição sonora, elementos que reorganizam a relação tradicional com o texto literário, muito marcado pela visualidade, pela escrita e pelo livro físico.

Desse modo, pensar a mediação do audiolivro pressupõe, inicialmente, um exercício de observação atenta de suas características da linguagem, a fim de identificar quais aspectos podem, e devem, ser potencializados nas práticas mediadoras. Tal compreensão dialoga diretamente com a concepção de mediação como um conjunto de “intervenções que atendam à especificidade dos textos lidos” (Munita, 2024, p. 75), uma vez que somente a partir do reconhecimento dessas especificidades é possível construir ações que ampliem a experiência literária, respeitando a materialidade, os modos de enunciação e as possibili-



dades expressivas do formato sonoro. É a partir desse entendimento que, na sequência, nos dedicaremos a delinear as principais características do audiolivro literário, como passo inicial para a reflexão sobre sua mediação.

De início, o audiolivro literário pode ser compreendido como a transposição de uma obra escrita, originalmente concebida para a leitura visual, para uma forma de narração destinada à escuta (Have; Pedersen, 2021). Embora seja frequentemente associado a públicos com dificuldades de leitura, como pessoas com dislexia ou deficiência visual, o audiolivro também ampliou as possibilidades de acesso à literatura e à informação, expandindo-se de forma significativa no contexto digital contemporâneo, ainda que sua origem anteceda esse ambiente. Disponibilizado para *downloads* ou para ser reproduzido de forma *online*, esse formato viabiliza o contato com a literatura a partir de uma voz que narra a obra e, em determinados casos, é acompanhada por trilhas, ruídos ou paisagens sonoras.

Ao observar o audiolivro sob a ótica de sua produção e circulação, percebe-se que a voz é capturada, tratada e difundida por intermédio de dispositivos tecnológicos, desvinculada da presença física daquele que a produz. Ao acessar um audiolivro em um tocador digital, o ouvinte é posto diante de uma voz em estado virtual, suscetível a comandos do ouvinte que pode pausar, retomar, acelerar ou desacelerar a escuta, ajustar o volume ou interromper a narrativa. Ainda que sob controle do ouvinte, essa voz não vem acompanhada do corpo que a emite, instaurando uma experiência literária mediada por interfaces tecnológicas, sobretudo *smartphones*, *tablets* e computadores, e marcada pela ausência física do enunciador.

É nesse contexto que Zumthor (2018) chama a atenção para determinadas perdas associadas à mediação eletrônica da voz. O distanciamento entre o corpo que diz e aquele que ouve implica uma redução das camadas de sentido que caracterizam a experiência performática da linguagem. Segundo o autor, os meios eletrônicos aproximam-se da escrita na medida em que suprimem a presença corporal do enunciador, deslocam a voz de um tempo estritamente presente, já que ela pode ser reproduzida indefinidamente, e apagam as referências espaciais da voz viva.

Segundo Zumthor (2018):

Os meios eletrônicos, auditivos e audiovisuais são comparáveis à escrita por três de seus aspectos:

1. abolem a presença de quem traz a voz;
 2. mas também saem do puro presente cronológico, porque a voz que transmitem é reiterável, indefinidamente, de modo idêntico;
 3. pela sequência de manipulação que os sistemas de registros permitem hoje, os media tendem a apagar as referências espaciais da voz viva: o espaço em que se desenrola a voz mediatizada torna-se ou pode se tornar um espaço artificialmente composto.
- (Zumthor, 2018, p. 15)

Ainda que o ambiente digital seja responsável por ampliar significativamente o alcance das experiências estéticas com a voz, atingindo públicos diversos,



não se pode desconsiderar que essa mediação tecnológica elimina a presença física de quem fala, abrindo margem para uma experiência vocal menos performática, quando comparada à contação de histórias presencial. Essa condição, no entanto, não implica o esvaziamento da força estética da voz no audiolivro literário. Ao contrário, mesmo mediada por dispositivos eletrônicos, a voz preserva sua capacidade de mobilizar o ouvinte, sustentando uma experiência performática fundada nas escolhas enunciativas que estruturam a narração.

Frente à ausência do corpo físico do enunciador, a intensidade e a pulsação estética da voz são ainda mais centrais, criando um espaço de interlocução entre o audiolivro e outras manifestações sonoras, como a canção. Em ambos os formatos, a voz é submetida a processos de gravação, edição e veiculação que prescindem da presença física de quem diz, mas que, justamente por isso, reorganizam a experiência estética em torno da materialidade sonora. Assim, mesmo deslocada do corpo visível, a voz é capaz de sustentar uma experiência literária significativa, na qual a performance se realiza pela própria construção vocal e sonora da narrativa, como aponta o próprio Zumthor (2018).

Mesmo diante da distância espacial entre quem fala e quem escuta, no audiolivro, a voz carrega elementos que constroem uma sensação de presença. Trata-se de um corpo que se constitui na própria materialidade vocal. Paradoxalmente, é justamente o apagamento do corpo físico que permite à voz assumir essa condição corporal, ganhando densidade estética a partir da dicção, da entonação e da organização enunciativa que a estruturam (Salermo; Navas, 2025).

À semelhança do que Paul Zumthor (2018) compreende como a voz em performance, a voz que do audiolivro possui a capacidade de se impor como presença estética e de convocar o ouvinte a uma escuta atenta e única. Ouvir um audiolivro implica inserir-se em uma situação de chamado vocal que transforma o receptor em participante ativo da performance, exigindo não apenas a audição, mas o envolvimento corporal e sensível com o que é enunciado. Nessa perspectiva, a escuta deixa de ser passiva e passa a requerer uma postura de entrega, na qual o ouvinte se deixa conduzir pelas escolhas vocais que estruturam o audiolivro literário e tornam esse momento único, tal qual uma experiência performática com a linguagem.

Novamente, de acordo com Zumthor (2018):

A performance é então um momento de recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido. Quando do enunciado de um discurso utilitário corrente, a recepção se reduz à performance: você pergunta o seu caminho, e lhe respondem que é a primeira rua à direita. Uma das marcas do discurso poético (do “literário”) é seguramente, por oposição a todos os outros, o forte confronto que ele instaura entre recepção e performance. (Zumthor, 2018, p.47, grifos nossos)

Sob esse prisma, a voz que atua no audiolivro afasta-se de um uso funcional ou utilitário da oralidade, restrito à simples troca de informações. Caracterizada por sua intensidade expressiva, essa voz define a experiência estética do formato, uma vez que os sons emitidos pelo narrador configuram o eixo central da



construção de sentidos. Do ponto de vista da recepção, portanto, a voz não se limita a transmitir o conteúdo do texto literário, mas instaura uma experiência marcada pela presença, capaz de construir uma escuta sensível, envolvente e esteticamente mobilizadora.

Assim, o audiolivro possibilita uma experiência estética da voz em performance, construída a partir das próprias escolhas prosódicas que estruturam a narração. Elementos como o ritmo da narração, o timbre, o tom, as pausas e as variações de entonação configuram a materialidade sonora da obra e atuam diretamente na forma como o texto literário é percebido na escuta. Não se trata de uma simples leitura oralizada do texto escrito, mas de uma reorganização da experiência literária por meio da voz, que passa a incorporar essas escolhas como parte constitutiva do sentido literário (Salermo; Navas, 2025). Nesse processo, a literatura é atravessada pela performance vocal, fazendo com que a experiência de ouvir o texto seja marcada por uma presença sensível que mobiliza o corpo e a atenção do ouvinte, instaurando uma relação estética específica com a narrativa.

Um segundo elemento característico do audiolivro literário é a presença dos sons e da paisagem sonora. Especialmente no âmbito da literatura infantil, essa dimensão sonora não atua apenas como um complemento do enredo, mas assume uma função ilustrativa, contribuindo para a construção imaginativa das cenas narradas e para a elaboração de imagens mentais a partir da escuta. Nesse processo, para além da voz do narrador, os sons ambientes e os efeitos acústicos, como gargalhadas, passos ou o canto de pássaros, organizam um “cenário auditivo”, capaz de transportar o ouvinte para o universo ficcional da narrativa. Como consequência, a paisagem sonora passa a funcionar como uma forma de representação visual, uma ilustração sonora que permite que cenários e personagens sejam figurados por meio da escuta.

Dessa maneira, no audiolivro literário, sobretudo o destinado às infâncias, a paisagem sonora intensifica a experiência narrativa, conferindo-lhe uma dimensão ilustrativa. Em diversas produções, essa função revela-se fundamental para o engajamento do ouvinte, uma vez que o som ultrapassa a centralidade da voz e encontra, na paisagem sonora, um recurso privilegiado para a expansão do universo narrativo. A materialidade da produção sonora com o caminhar de alguém, o bater de palmas ou o canto dos pássaros evidencia a presença do corpo no mundo, traduzindo essa fisicalidade em imagens sonoras que se tornam sensíveis para quem escuta.

Sob essa perspectiva, o som, enquanto resultado de um gesto executado por alguém, carrega marcas do contexto de sua produção, oferecendo indícios da cena em que foi gerado e configurando, desse modo, uma imagem sonora. Não se trata apenas de um elemento que envolve o ouvinte sensorialmente, mas de um recurso que ilustra a narrativa a partir das imagens associadas ao momento de sua origem. É nesse sentido que a função ilustrativa do som no audiolivro infantil se aproxima da noção de “gesto do som”, conforme discutida por Santaella (2005), ao tratar da capacidade representacional do fenômeno



sonoro. Nesse enquadramento, a paisagem sonora no audiolivro adquire uma gestualidade própria, reforçando sua função ilustrativa ao atuar como um gesto que expressa e materializa a narrativa. Assim, determinados sons, como o ruído de passos, não apenas acompanham o enunciado verbal, mas participam ativamente da construção da cena narrativa, ilustrando auditivamente a ação e possibilitando que o ouvinte visualize, pela escuta, a situação narrada.

Assim, tons, ritmos, variações e demais recursos prosódicos da voz narradora assumem a função de envolver o ouvinte e cativar sua escuta de maneira sensível e encantatória. Somados a esses elementos, as paisagens sonoras e os ruídos acompanham a narrativa, formando um conjunto expressivo que explora a matéria sonora com intensidade e intencionalidade ilustrativa. Dessa forma, no audiolivro infantil, a gestualidade do som torna possível uma experiência imersiva profunda, na qual o som não apenas descreve, mas atua e encena o enredo, articulando o sensorial e o visual de modo que o ouvinte seja levado a sentir a narrativa por meio da escuta.

Nessa direção, o audiolivro emerge como um formato que propõe uma experiência literária singular, alicerçada na vocalidade e na voz em performance, frequentemente articuladas à presença da paisagem sonora. Essa materialidade específica reorganiza a relação entre texto, corpo e leitor, deslocando a experiência literária para o campo da escuta e da sensibilidade sonora. Diante dessas características, mostra-se necessário refletir sobre as formas de mediação adequadas a esse formato, considerando os recursos expressivos que o constituem e os modos como esses elementos podem ser potencializados em contextos de leitura. É a partir dessa perspectiva que, na sequência, nos dedicamos à análise de estratégias de mediação do audiolivro literário, buscando compreender como essa experiência pode ser mobilizada no campo da educação literária.

Mediação do audiolivro: voz, escuta e experiência estética do audiolivro na educação literária

Antes mesmo de avançar para a discussão sobre a mediação literária e sobre as possibilidades desse formato, torna-se fundamental observar como o audiolivro vem sendo tratado tanto no campo da formação de leitores quanto no contexto educacional. Esse olhar inicial permite compreender os usos que têm sido atribuídos ao formato e os limites que ainda marcam sua inserção nas práticas escolares.

Apesar de reunir um conjunto expressivo de características estéticas e linguísticas que o colocam como uma experiência literária própria, o audiolivro ainda ocupa um lugar marginal nas práticas de educação literária em contextos formais de ensino. Quando presente no ambiente escolar, tende a ser mobilizado prioritariamente como um recurso auxiliar no ensino de línguas adicionais, especialmente no ensino de língua inglesa ou de outras línguas estrangeiras. Alguns estudos (Marchetti; Valente, 2016; Alcantud-Díaz; Gregori-Signes, 2014) apontam o audiolivro como um recurso potente para o desenvolvimento da pro-



núncia ou da aquisição lexical em L2, sendo raramente abordado a partir de sua dimensão literária, estética e formativa.

Esse uso restrito evidencia uma compreensão limitada do potencial do audiolivro no campo educacional, uma vez que desconsidera exatamente os aspectos estéticos do formato que foram anteriormente destacados e que poderiam ampliar as experiências de educação literária para a escuta. Ao reduzir o audiolivro a uma função instrumental, perde-se a possibilidade de explorar sua materialidade sonora como linguagem literária.

Nesse cenário, é possível observar que a literatura, quando inserida no contexto escolar, permanece majoritariamente associada ao texto verbal escrito ou, em alguns casos, ao texto multimodal impresso, que articula palavra, imagem e projeto gráfico. As experiências literárias mediadas pela escuta encontram, assim, pouca abertura, como se o acesso à literatura estivesse condicionado quase exclusivamente à leitura visual. Essa perspectiva acaba por desconsiderar tanto a diversidade de modos de fruição literária quanto as possibilidades de inclusão que emergem de formatos sonoros.

A ausência do audiolivro nas práticas de educação literária torna-se ainda mais significativa quando se considera seu potencial para atender estudantes com deficiência visual, com baixa visão ou outras condições que impactam diretamente a relação com o texto escrito. Ao não integrar esse recurso de forma sistemática às propostas pedagógicas de leitura literária, a escola acaba por reforçar modelos de ensino que privilegiam determinados formatos de literatura, limitando as experiências sensíveis e estéticas de parte dos estudantes.

Diante desse quadro, é necessário ampliar o debate sobre o lugar do audiolivro no contexto da educação literária, deslocando-o de um uso estritamente funcional de aprendizagem de vocabulário para uma compreensão que reconheça sua potência como linguagem literária. É nessa direção que, neste estudo, propomos a incorporação do audiolivro literário às práticas de educação literária, entendido como elemento constitutivo de uma experiência de educação literária capaz de contemplar diferentes formas de escuta e participação, atendendo de modo mais equitativo pessoas com deficiência visual ou baixa visão.

Sabemos que, nas últimas décadas, as discussões em torno da educação literária têm passado por deslocamentos significativos, sobretudo no que diz respeito ao papel do professor e às concepções de leitura que orientam as práticas escolares. Progressivamente, observa-se o afastamento de modelos prescritivos, nos quais se dizia ao aluno o que ler e como ler, em favor de uma perspectiva que compreende a leitura literária como uma experiência a ser construída em diálogo. Nesse cenário, o professor assume uma postura de mediador, responsável por criar condições para que os estudantes se relacionem de maneira mais sensível, crítica e singular com a obra literária.

É nesse contexto que a mediação literária se afirma como um campo de reflexão e de prática. Conforme argumenta Felipe Munita (2024), mediar a leitura



implica construir intervenções pedagógicas que considerem, simultaneamente, a obra, o leitor e a situação de leitura, promovendo encontros significativos com o texto literário. A mediação, portanto, não se configura como uma condução rígida da interpretação, mas como um conjunto de ações intencionais voltadas à ampliação dos sentidos, à escuta dos leitores e à valorização das múltiplas formas de apropriação da obra.

Para Munita (2024)

Nessa perspectiva, a mediação é caracterizada por valores básicos, como acompanhamento e proximidade; afeto, diálogo e confiança; estímulos para a autoestima e para discernir experiências, a educação do olhar com estratégias de aprendizado para o estudante. Essas características criam situações sociais com uma importante dimensão afetiva e constituem a base de qualquer atividade mediadora na interação educativa. (Munita, 2024, p.85 e 86)

Partindo dessa compreensão, fica evidente como toda mediação pressupõe, antes de tudo, um conhecimento aprofundado da obra que será mediada. Cada livro convoca estratégias próprias, pois carrega uma organização singular de linguagem, de ritmos, de vozes e de efeitos de sentido. Nessa direção, não é possível pensar a mediação como um procedimento genérico ou replicável. Ao contrário, ela deve ser construída a partir das especificidades do objeto literário, considerando aquilo que o texto mobiliza e aquilo que ele exige do leitor, ou, no caso do audiolivro, do ouvinte.

Quando o objeto de mediação é um audiolivro literário, essas especificidades apresentam-se ainda mais evidentes. Mediar esse formato implica considerar não apenas o enredo ou o texto verbal, mas também os elementos sonoros que estruturam a experiência de escuta, tais como a voz que narra, o ritmo da leitura e a paisagem sonora. Esses componentes não atuam como uma simples transposição do texto, mas como camadas expressivas que participam ativamente da construção de sentidos literários.

Um exemplo elucidativo nesse contexto é o audiolivro *Um garoto chamado Rorbetó*, de Gabriel o Pensador, narrado pelo próprio autor. Publicada inicialmente em formato impresso e vencedora do Prêmio Jabuti de 2006, na categoria livro infantil, a obra ganhou sua versão em audiolivro no início de 2024. Embora o texto verbal se mantenha fiel à versão original, a entrada da voz do autor instaura uma experiência literária distinta, marcada pela oralidade e pela performance vocal.

A narração aproxima-se do gesto de um *rapper* ou de um contador de histórias que trabalha com as rimas como elemento estruturante do discurso. As escolhas prosódicas são decisivas para essa construção: o ritmo da narrativa é fortemente marcado pelas rimas, as entonações reforçam os finais de verso e as modulações rítmicas transitam entre momentos mais contagiantes e outros de caráter mais reflexivo. Esses elementos conferem ao texto uma cadência própria e produzem um efeito de aventura, intensificando a experiência literária pela escuta.



Nesse sentido, a escolha da voz de Gabriel o Pensador não pode ser compreendida como neutra. Trata-se de uma escolha carregada de intencionalidade estética e discursiva, que constrói um efeito de proximidade com o ouvinte, como se o autor estivesse presente narrando a história diretamente. A marca das rimas, fortemente associada à trajetória artística do autor enquanto *rapper*, imprime à narrativa uma dimensão poética específica e estabelece um diálogo entre diferentes manifestações artísticas. Essa convergência de linguagens amplia os sentidos do texto literário e precisa ser tematizada no espaço de mediação.

Cabe, portanto, ao mediador propor encaminhamentos que mobilizem a escuta e estimulem a reflexão sobre essa experiência. Ouvir uma história estruturada por rimas modifica a relação com a narrativa? Esse modo de contar torna a escuta mais envolvente? Intensifica a percepção sonora da história? Tais proposições não visam à obtenção de respostas corretas, mas à abertura de um espaço de troca no qual os ouvintes possam verbalizar suas percepções, compartilhar sensações e refletir sobre os efeitos que essa experiência literária produz no momento da escuta.

Além da voz, o audiolivro é atravessado por uma paisagem sonora contínua, perceptível ao longo de toda a escuta, que contribui para a construção de uma ambiência narrativa sensível. Essa paisagem sonora atua na criação de clima e na ilustração de determinados acontecimentos da história. Um exemplo significativo é a cena do nascimento de Rorbetto, acompanhada pela sonorização do choro de um bebê ao nascer. Esse recurso evidencia como a paisagem sonora oferece ao ouvinte um encontro ilustrativo com a narrativa e orienta sua escuta para um estado de atenção ampliada. Desse modo, a voz e o som articulam-se como recursos estéticos que reorganizam a experiência literária, deslocando-a do campo estritamente verbal e escrito.

Diante dessas características, a mediação do audiolivro *Um garoto chamado Rorbetto* exige um olhar atento tanto para os efeitos da voz em performance quanto para o papel desempenhado pela paisagem sonora. No espaço de mediação, destacam-se como aspectos centrais a experiência de ouvir uma narrativa marcada por rimas, pelo ritmo narrativo construído por meio da voz do autor e pela presença constante de elementos sonoros que ambientam e ilustram a história. São esses três eixos: rima, ritmo e paisagem sonora que orientam a reflexão sobre os potenciais de mediação deste audiolivro.

É importante destacar que, assim como ocorre na mediação do livro literário impresso, o enredo do audiolivro deve ocupar um lugar nas práticas de mediação. A história narrada, seus personagens, conflitos e desdobramentos continuam sendo elementos fundamentais da experiência literária e, por isso, precisam ser retomados, discutidos e ressignificados coletivamente. O que amplia, no caso do audiolivro, não é a centralidade da narrativa, mas os caminhos de acesso a esse enredo, que passam a incluir a voz, o som e a escuta como dimensões constitutivas da experiência literária. Assim, a mediação é atravessada para uma relação sensível com os sons.



Nesse sentido, retomar a concepção de mediação proposta por Munita (2024) torna-se fundamental para pensar o trabalho com o audiolivro no contexto educacional. Conforme aponta o autor, toda mediação se estrutura a partir das relações estabelecidas entre leitores e entre o texto e o leitor, compreendendo a leitura como uma prática cultural situada e compartilhada:

O mediador escolar de leitura literária é um educador que intervém intencionalmente na construção de condições favoráveis para que seus alunos se apropriem das produções culturais e participem do mundo da escrita. Ele orienta seus esforços para formar leitores literários que se sintam implicados na leitura e possam exercer diversas formas de compreensão e fruição dos textos. Para tanto, desenvolve situações de aprendizagem centradas na atividade do aluno (regulada pelo ambiente) e caracterizadas por diversas formas de apoio em processos de apropriação dos conhecimentos e práticas, relacionados com a cultura escrita. Essas situações decorrem da construção de dispositivos didáticos que, considerando as maneiras pelas quais os livros e outros produtos culturais “ensinam a ler”, favorecem três grandes tipos de interação: **entre leitores, entre os textos e entre o leitor e o texto**. Por sua vez, o mediador enquadra essas situações em itinerários educativos que abrangem múltiplos espaços de leitura e escrita. O objetivo desses itinerários é dar a todos os alunos a possibilidade real de participar de novas experiências com a escrita e progredir nas formas de compreensão e produção da cultura. Em suma, espera-se que a experiência de aprendizagem mediada estimule processos de mudança e construção de sentido no aluno, ampliando assim suas formas de diálogo consigo mesmo, com os outros e com o mundo. (Munita, 2024, p. 102, grifos nossos)

A partir desse prisma, a mediação do audiolivro precisa extrapolar uma compreensão restrita da mediação vinculada exclusivamente à dimensão escrita, apontada por Munita (2014), e incorporar os três grandes tipos de interação a partir do audiolivro enquanto texto literário. Nesse caso, essas interações se reorganizam em torno da relação entre os ouvintes do audiolivro, entre o audiolivro e outros textos e entre os ouvintes e o próprio audiolivro. Trata-se, portanto, de ampliar a noção de texto literário para incluir a materialidade sonora como espaço legítimo de construção de sentidos.

Dessa forma, a mediação do audiolivro pode ser orientada, em um primeiro momento, pela relação vocal e sonora que constitui o audiolivro em comparação com outras manifestações artísticas. Retomando o exemplo do audiolivro de Gabriel o Pensador, é relevante considerar a presença da voz do autor enquanto artista e rapper, reconhecida em outros contextos culturais. Durante a mediação, é possível abrir espaços para a interlocução dessa voz em outras manifestações ou em outros espaços, trazendo para a narrativa literária os sentidos associados à sua trajetória artística e à sua identidade vocal. Entre as potencialidades pedagógicas, pode-se ouvir uma música do Gabriel o pensador e abrir uma interlocução entre o rap e a narrativa literária.

Da mesma maneira, a mediação pode promover relações entre esse audiolivro e outras obras que apresentem aproximações ou contrapontos em termos de experiência estética. Por exemplo, ao cotejar *Um garoto chamado Rorbeto*, de Gabriel o Pensador, com o audiolivro *O Menino da Lua*, de Ziraldo, é possível dis-



cutir como a presença da trilha sonora em uma obra pode ser contrastada com a opção pela ausência de trilha sonora e a ênfase na paisagem sonora. Ou, então, como as histórias narradas por seus autores são capazes de aproximar a autoria dos ouvintes. Esse tipo de comparação contribui para ampliar a compreensão sobre as escolhas estéticas envolvidas em cada produção e sobre os efeitos de sentido que delas decorrem.

Nesse caminho, o cotejo entre diferentes audiolivros abre espaço para o reconhecimento dos recursos expressivos da sonoridade que dão forma à experiência literária da escuta. Tal prática permite dar visibilidade às escolhas estéticas que constituem o formato, discutir as intenções por trás da seleção da voz narradora e criar espaços de troca nos quais os ouvintes possam expressar suas experiências de escuta e seus modos de significar o enredo das duas obras. A mediação, nesse caso, atua como um dispositivo que torna perceptíveis os elementos que, muitas vezes, permanecem implícitos na experiência auditiva.

Por fim, a mediação do audiolivro também pode favorecer a relação direta entre ouvinte e obra, colocando em destaque como os elementos sensíveis do texto sonoro e o enredo afetam a experiência de quem escuta. Nesse espaço, ganham relevância as impressões provocadas pela escuta, as sensibilidades mobilizadas pelo ato de ser guiado por uma voz narradora e os diferentes percursos de escuta construídos em contextos com ou sem paisagem sonora. Bem como, a presença das personagens, o tempo e o espaço configuram experiências de sentido no ouvinte. Esses aspectos contribuem para uma leitura mais consciente e reflexiva da experiência literária sonora.

Ao promover esse tipo de mediação, abrem-se caminhos para práticas que, à primeira vista, podem parecer desestabilizadoras, por romperem com modelos consagrados de leitura centrados exclusivamente na decodificação visual do texto escrito. No entanto, são justamente essas práticas que possibilitam a ampliação do conceito de leitura literária, ao acolher diferentes modos de acesso à literatura e reconhecer a escuta como uma forma legítima e potente de experiência estética. Ao mesmo tempo, essas práticas preservam os aspectos lúdicos e brincantes que devem pautar a liberdade durante a mediação literária, conforme indicam Medeiros e Ribeiro (2024).

Conhecer mais sobre o funcionamento dos textos e confiar na possibilidade sempre aberta de os leitores interagirem com eles de forma criativa pode ser a chave para colocar a leitura, os textos e os leitores no centro. A atenção aos textos literários para ver que jogo ou jogos os leitores jogam ou o que pode ser feito para eles jogarem a partir da própria literatura é uma das formas pelas quais eles exercem sua liberdade. Estou falando da liberdade de experimentar, de arriscar e de aprender jogando, brincando." Sob esse prisma, seja qual for o percurso formativo por nós adotado, o trabalho pedagógico deve proceder e irromper sempre da própria obra, investindo na força criativa e na inteligência astuta da criança em operar a leitura segundo a lógica da associação por similaridade. (Medeiros e Ribeiro, 2024, p. 69)

Ainda que se trate de um objeto literário constituído pela oralidade, a mediação do audiolivro pode ser orientada pela dimensão da interação com a obra,



sustentada pela liberdade de brincar com a escuta e com os sons. Trata-se de entrar no jogo lúdico oferecido pela paisagem sonora, que, de modo intuitivo, pode convidar o ouvinte a reproduzir sons, recriá-los ou interpretá-los a partir de suas experiências. Nesse sentido, a interação com o audiolivro não se limita à escuta passiva, mas envolve o corpo, a imaginação e a experimentação sonora. Essa liberdade de interação exige, portanto, um deslocamento dos padrões tradicionais de mediação, historicamente centrados no texto escrito e no livro físico, que frequentemente exploram o manuseio do objeto, o movimento das páginas e o ir e vir da leitura visual.

Essa experiência brincante com o audiolivro, por sua vez, exige do mediador o desenvolvimento de uma outra habilidade pedagógica, como a capacidade de lidar com a escuta, com o imprevisto e com formas de interação que escapam aos modelos consolidados da mediação do impresso. É nesse ponto que a reflexão proposta por Roberto Parmeggiani (2018) é particularmente fecunda. Ao defender o deslocamento da deficiência como um lugar de exceção para o centro das práticas educativas, o autor propõe a noção de desabilidade como eixo estruturante do pensamento pedagógico. Assumir a desabilidade significa romper com uma lógica de adaptação posterior e construir propostas que, desde sua concepção, considerem a diversidade de corpos, percepções e modos de relação com a linguagem. Como afirma Parmeggiani, “Incluir não significa tornar os outros como nós, ou, inversamente, desistir de nossa identidade para assumir a do outro, mas construir pontes entre as pessoas, as situações e as habilidades” (Parmeggiani, 2018, p. 21).

Ao refletir sobre a noção de “desabilidade”, Roberto Parmeggiani desloca o debate da deficiência como atributo do outro para uma condição relacional, ligada à forma como se lê o mundo e como se constroem sentidos sobre a alteridade. Sua argumentação chama atenção para o fato de que a incapacidade de abertura ao outro não decorre de limitações intrínsecas, mas de leituras mediadas por estereótipos, preconceitos e palavras que empobrecem a experiência do encontro. Nesse sentido, a desabilidade está menos associada às diferenças e mais à rigidez dos modos de significação que sustentam práticas excludentes. Essa perspectiva dialoga diretamente com a mediação literária, compreendida como um espaço de deslocamento de sentidos, no qual o mediador atua para tensionar leituras cristalizadas, ampliar horizontes interpretativos e criar condições para que a alteridade seja experimentada, e não apenas conceituada.

A desabilidade que nos torna sempre mais incapazes de abrir-nos à alteridade está ligada muito mais às nossas preocupações e ao bem-estar que tememos perder, do que às reais qualidades ou atitudes do outro que muitas vezes não conhecemos senão pelos estereótipos que a comunicação contemporânea constrói em nós. “Desábil”, portanto, é quem baseia sua leitura do mundo em palavras preconceituosas, contribuindo para a construção de buracos de sentido, dentro dos quais, cedo ou tarde, ele também cairá.

Habitar as fronteiras é um dos maiores desafios do nosso tempo. Uma escolha, no fundo, uma aposta para o futuro. Quase tão difícil quanto enxugar um mar de lágrimas. Mas não é impossível, se cada um fizer a sua parte. (Parmeggiani, 2018, p. 40)



Com base nessa reflexão, a mediação literária do audiolivro pode ser compreendida como um exercício de desabilidade, no qual ler, ouvir e interpretar tornam-se práticas abertas ao risco do encontro com o outro e com o desconhecido. Ao propor a mediação do audiolivro como uma experiência lúdica e envolvente, cria-se um espaço de jogo no qual os ouvintes são convidados a experimentar diferentes vozes, ritmos, sonoridades e modos de significar, sem a imposição de leituras unívocas ou hierarquizadas. Nesse jogo, ouvir torna-se uma prática de abertura sensível, capaz de suspender certezas e permitir a circulação de sentidos. Assim, a mediação literária, ao assumir um caráter lúdico, favorece o habitar as fronteiras entre escrita e oralidade, entre ver e ouvir, entre o eu e o outro, promovendo uma relação com a literatura que se constrói na partilha, na escuta e na experiência.

Tomando essa definição à luz da proposta de mediação do audiolivro literário apresentada neste estudo, isso implica reconhecer que práticas pautadas pela escuta não constituem concessões ou alternativas secundárias destinadas exclusivamente a pessoas com deficiência visual. Ao contrário, tratam-se de caminhos legítimos e potentes para a construção de uma educação literária mais inclusiva, sensível e plural. Mediar o audiolivro é, nesse sentido, colocar-se diante da voz em performance e aceitar o desafio de lidar com os efeitos estéticos que essa voz produz na experiência literária.

Trata-se de praticar uma forma de “desabilidade estética”, na medida em que o mediador e os ouvintes se dispõem a abandonar modelos rígidos de leitura centrados na visualidade e no controle do sentido, abrindo-se para uma experiência marcada pela escuta, pela sensibilidade e pelo encontro com o outro. Essa desabilidade não fragiliza a mediação, ao contrário, a fortalece, pois cria condições para que diferentes modos de percepção e fruição literária sejam reconhecidos e compartilhados, colocando em cena sujeitos diversos e ampliando as possibilidades de relação com a literatura.

Conclusão

Ao longo deste artigo, buscamos refletir sobre o audiolivro literário como uma linguagem literária dotada de especificidades estéticas próprias, capazes de reorganizar a experiência de leitura a partir da escuta. Ao situar essa discussão no marco dos dez anos do Estatuto da Pessoa com Deficiência, procuramos evidenciar a necessidade de ampliar o olhar da educação literária para além dos suportes tradicionais, reconhecendo que a inclusão também passa pela diversificação dos modos de fruição da literatura.

A análise dos elementos constitutivos do audiolivro literário, como a voz em performance, as escolhas prosódicas e a paisagem sonora, permitiu compreender como esse formato constrói sentidos que não se limitam à transposição do texto escrito. Ao contrário, o audiolivro instaura uma experiência estética própria, na qual a oralidade e o som atuam como camadas expressivas funda-



mentais para a construção do enredo e para o envolvimento sensível do ouvinte. Essa compreensão reforça a ideia de que toda mediação de leitura precisa partir da materialidade específica da obra e de seus modos de enunciação.

No campo educacional, observamos que o audiolivro ainda ocupa um lugar pouco explorado nas práticas de educação literária, sendo frequentemente mobilizado de maneira instrumental, sobretudo no ensino de línguas adicionais. Tal uso restrito acaba por invisibilizar sua potência literária e estética, além de limitar suas possibilidades como prática inclusiva. Ao deslocar o audiolivro desse lugar funcional, propomos pensá-lo como elemento constitutivo da educação literária, capaz de ampliar os modos de participação, escuta e significação da literatura na escola.

A partir das contribuições de Munita (2024) e Medeiros e Ribeiro (2024), defendemos uma mediação literária que se constrói como espaço de diálogo, de jogo e de abertura à alteridade. Nesse sentido, a mediação do audiolivro literário pode ser compreendida como uma prática que tensiona modelos hegemônicos de leitura, valoriza a experiência estética da escuta e reconhece a diversidade de corpos, percepções e modos de relação com a linguagem. Ao assumir a “desabilidade” como eixo pedagógico, a presença de outras materialidades da literatura desloca a deficiência do lugar da exceção e cria um campo fértil para práticas mais equitativas e sensíveis.

Por fim, entendemos que pensar a mediação do audiolivro literário é apostar em uma educação literária que acolhe a complexidade da experiência humana e reconhece a escuta como forma legítima de experiência literária. Ao investir em práticas mediadoras que exploram a voz, o som e a paisagem sonora como elementos da literatura, ampliam-se as possibilidades de encontro com o texto literário, promovendo experiências que articulam estética, inclusão e formação sensível dos leitores. Trata-se, portanto, de abrir caminhos para que a literatura continue a ser um espaço de invenção, partilha e construção de sentidos, também pelo ouvir.

Referências

ALCANTUD-DÍAZ, María; GREGORI-SIGNES, Carmen. Audiobooks: improving fluency and instilling literary skills and education for development. **Tejuelo**, n. 20, p. 111-125, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

MARCHETTI, Emanuela; VALENTE, Andrea. The many voices of audiobooks: interactivity and multimodality in language learning. In: ZAPHIRIS, Panayiotis; IOANNOU, Andri (org.). Learning and collaboration technologies. **Cham: Springer**



International Publishing, 2016. p. 165–176. (Lecture Notes in Computer Science, v. 9753).

MEDEIROS, Juliana Pádua; RIBEIRO, Joana Marques. **Mediação de leitura: a literatura em jogo**. Londrina: Editora Madrepérola, 2024.

MENEZES, MC; RABELO, LCC A representação da deficiência em clássicos da literatura brasileira / A representação da deficiência nos clássicos da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 6, pág. 37484–37495, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11647>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores**. São Paulo: Solisluna; Selo Emília, 2024.

NORONHA, Lucelia Fagundes Fernandes. **A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

O PENSADOR, Gabriel. **Um garoto chamado Rorbeto** [audiolivro]. Narração do autor. São Paulo: Melhoramentos, 2024.

PARMEGGIANI, Roberto. **Desabilidade**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

RUBERY, Matthew. **The untold story of the talking book**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SALERMO, Renan Luis; DIANA NAVAS. A voz no audiolivro: performance, construção estética e metalepse literária. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 610–622, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/86229>. Acesso em: 05 jan. 2026.

ZIRALDO. **O Menino da Lua** [audiolivro]. Narração do autor. São Paulo: Melhoramentos, 2020.

Recebido em: 26/01/2026

Aceito em: 20/08/2026